

Olívio Dutra

Gaúcho, ex-presidente do Sindicato dos Bancários, estréia com "54 mil votos de trabalhadores". E uma das estrelas do PT



Olívio Dutra (PT-RS), nasceu em lar de carpinteiro, na localidade de Bossoroca, em São Luiz Gonzaga, no interior gaúcho. O mandato de deputado federal, para o qual se elegeu com os votos de "54 mil 466 trabalhadores do Rio Grande" é o primeiro que exerce, assim como o PT é o primeiro partido a que se filiou. Neste quadro, não seria de esperar outra coisa: "Não estamos aqui para defender, cada um, o seu projetinho", resume, antes de apresentar os pontos essenciais de uma plataforma de lutas que não é sua, e sim "da classe trabalhadora e do PT".

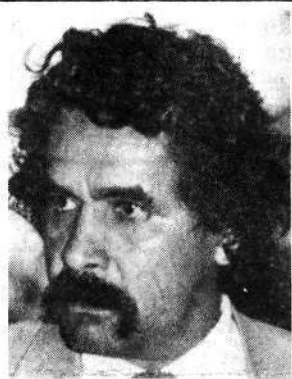
As principais bandeiras, diz, são a liberdade e autonomia sindical, com o fim o imposto travestido de contribuição, o direito de greve ("Sem lei ordinária que o restrinja ou impeça seu exercício), a redução da jornada de trabalho de 48 para 40 horas semanais, a completa estatização do sistema financeiro e a defesa de uma redefinição do direito de propriedade capaz

de possibilitar "reforma agrária e urbana já".

"Sou bancário há 25 anos, mas não vim aqui fazer política corporativista", garante, lembrando que chegou à Constituinte com os votos de trabalhadores das mais diversas categorias. Apesar disto, é certo que sua militância começa entre os bancários. Este profissional, hoje com 45 anos de idade, foi presidente do Sindicato dos Bancários de Porto Alegre de 1975 a 78, ano em que foi reeleito para um mandato que não cumpriu: em 1979, foi cassado após liderar uma greve. E, de certo, foi a atividade sindical um fator de peso para traçar seu caminho político: fundador do PT nacional e gaúcho, foi seu primeiro vice-presidente, no País, o primeiro presidente em seu Estado. Hoje, a nível nacional, é secretário-geral. No Rio Grande do Sul, primeiro suplente da executiva. Coordenador da Comissão de Tecnologia e Automação da CUT, estará atento também para este campo, no qual defende a "moratória tecnológica".

Fernando Santana

Teve seu primeiro mandato em 58, foi cassado em 64 e retornou em 82, pelo PMDB. No ano passado elegeu-se pelo PCB



Fernando dos Reis Santana (PCB-BA), 71 anos, é um dos veteranos da Constituinte. Deputado federal pelo PTB no período de 58 a 62, reeleito pela legenda do PSD em 1962, ele integrou a primeira lista de cassação do regime militar que tomou o poder em 1964. Exilado na Iugoslávia, retornou ao Brasil ainda antes da promulgação da lei da anistia, radicando-se em Salvador, onde passou a exercer sua profissão de engenheiro civil.

Em 1982, voltou à política, elegeu-se deputado pelo PMDB, mas nunca escondeu sua condição de comunista. Foi eleito Constituinte com 37 mil 656 votos pela legenda do PCB. Moderado de temperamento, folgazão, circula com desenvoltura nos meios políticos, onde é muito benquisto inclusive pelos adversários.

Santana defende um mandato de cinco anos, sem direito à reeleição, para o presidente da República e é favorável à implantação do parlamentarismo, mediante "uma melhor estruturação dos partidos". Em relação ao pagamento da

divida externa, ele advoga a declaração imediata de uma moratória, a auditoria de todos os contratos para se descobrir o seu real montante e uma negociação global que implique na redução das taxas de juros e a fixação de um prazo de 40 anos para o pagamento "mantendo-se os juros e prazos atuais aos países do 3º mundo, que hoje pagam 145 bilhões de dólares só de juros ao ano, não soçobrar", argumenta ele, lembrando que a Inglaterra e o próprio EUA já se utilizaram da moratória no decorrer de suas histórias.

Santana declara-se contra a legalização do aborto ("É a maior de todas as torturas") e considera a implantação do voto distrital "antipopular", na medida em que o poder econômico sairia favorecido. "Inteira e favorável" à reforma agrária, para efetivá-la, ele sustenta a necessidade de modificar o inciso que dispõe sobre a desapropriação, que em sua opinião deve ser feita com base no valor do imposto pago e não no valor dito comercial.